Introdução

A primeira vez que encontrei Neil Gaiman foi nos bastidores de uma convenção de quadrinhos em Nova York, durante uma onda de calor. Ele se preparava para falar sobre o Fundo de Defesa Legal dos Quadrinhos, que tinha acabado de vencer alguma grande disputa judicial, e estava com um olho roxo. No camarim lotado de gente, tiramos uma foto com Stan Lee. Neil fazia um esboço num papel e tomava chá inglês com leite, trazido por uma garota. Ela me perguntou se eu queria alguma coisa, e pedi um café com açúcar e com creme ou, na falta de creme, um leite básico. Eu e Neil conversamos um pouco sobre o livro que faríamos juntos, e lhe mostrei velhas gravações de som que eu ia usar no meu novo álbum: trechos sobre meu antigo namorado morto me encontrando na minha cama no alojamento da universidade, coberta de sangue depois de eu ter cometido suicídio e deixado o gravador ligado enquanto esperava por ele. Neil riu e disse que minhas gravações estavam muito boas.

A segunda vez que encontrei Neil Gaiman, eu acabava de ser asfixiada com um saco plástico por uma garota num vestido florido, parecida comigo, que tínhamos recebido de uma agência de elenco em Boston. Neil viera voando para se juntar a mim e ao fotógrafo Kyle Cassidy para ver como ia a sessão de fotos. Todos nos encontramos numa casa maravilhosa, que pertencia a um amigo de Kyle e ficava em Brookline, uma das áreas mais ricas de Boston. Montamos luzes e câmeras na luxuosa sala de estar, e eu convulsionava e me debatia como peixe fora d'água com a cabeça embrulhada no tal saco plástico absurdo. E então fiquei completamente imóvel, morta na poltrona florida que combinava com os vestidos floridos que eu e a modelo vestíamos. Fizemos então umas fotos no quarto abandonado no andar de cima, do filho que tinha partido para a faculdade. Eu disse a Neil que gostaria que o garoto ainda estivesse por perto, pois eu tinha me apaixonado pelos controles de *videogame* retrô, pôsteres dos Sex Pistols e pela coleção de quadrinhos no quarto. Umas histórias de Morte por Neil estavam numa pilha. Achamos isso muito engraçado, e alguém pegou O ALTO PREÇO DA VIDA e a posicionou estrategicamente no felpudo tapete, entre meu cadáver ensanguentado e o cachimbo d'água.

A terceira vez que encontrei Neil Gaiman foi novamente em Nova York, uns meses depois. Nós dois estávamos lá a trabalho, e ele se ofereceu para me levar a um restaurante de *sushi* que ele adorava e antes ficava em Los Angeles, até que eles ficaram empresariais demais e um dos *chefs* partiu para montar a própria casa em Nova York. O que o lugar tem de tão especial é que não chegamos a pedir nada, eles apenas trazem uma sucessão interminável de pratinhos de *sushi* que o *chef* vai criando. E naquela noite o garçom trouxe uns rolinhos especiais que o *chef* aparentemente só faz algumas vezes por ano, uma iguaria imperdível. Devia ser o tipo de coração de peixe que comem no Japão e que pode matar se não for preparado direito; o peixe tem de ser morto a pauladas enquanto a água está a uma certa temperatura e de uma certa maneira e blá-blá-blá. E assim

o *chef* veio à nossa mesa, pois Neil era famoso e tudo o mais, e serviu dois pedaços de *sushi* de coração de peixe para cada um. Pareciam um tanto nojentos, mas nós dois experimentamos e estavam deliciosos; Neil gostou tanto que pediu uma segunda porção. Naquela noite conversamos tudo que era assunto, mas lembro principalmente de falarmos de relacionamentos passados e da obsessão por desfechos e de como se pode avaliar a personalidade de uma pessoa com base em ela manter ou não uma amizade decente com ex-cônjuges ou ex-amantes. Porque quem não consegue manter a amizade nesses casos provavelmente é um babaca, e brincamos sobre comer o coração das pessoas enrolado em algas.

A quarta vez que encontrei Neil Gaiman, eu estava parada como um manequim de loja sobre um pedestal de concreto numa esquina pouco movimentada do parque Washington Square, num frio congelante. Era aniversário de Neil, e alguém achou genial me deixar lá como presente. De rosto pintado de branco e de luvas brancas, eu estava toda de branco naquele absurdo vestido rendado branco. A menina vestida toda de preto, de maquiagem escura e com um pequeno rabisco enrodilhado sob um olho me olhou direto nos olhos, mas com uma interrogação na testa, como se me conhecesse de algum lugar. Assim estava eu presa lá, sem poder me mexer um centímetro. Primeiro minhas mãos congelaram, depois os braços, aí o nariz, mas eu literalmente não podia me mexer até Neil aparecer, o que foi um puta saco, porque ele demorou demais. E todo mundo começou a recear que a brincadeira ficasse perigosa, pois não podiam me mover e a maior parte de meu corpo estava dormente. Os transeuntes passavam direto achando que eu fosse estátua de verdade, menos um velho que parou, percebeu que eu era uma garota e me mandou um beijo. Essa valeu o dia, mas não adiantou muito, porque eu estava à beira da morte. Mas então aquele porra do Neil finalmente apareceu. O louco foi que, minutos depois, quando nos aquecíamos num café, eu contava a Neil da minha difícil e sofrida separação de meu namorado mais recente e, enquanto ele mexia o chocolate no leite espumante e me ouvia solidário, uma garota no lado de fora da janela do café caiu de joelhos, por estar mal alimentada ou chapada demais ou algo assim, e uma ambulância teve que vir buscá-la. E pudemos ver pela janela os socorristas falarem um com o outro, dizendo que dessa ela não ia escapar.

A quinta vez que encontrei Neil Gaiman foi ao vê-lo no Museu de História Natural uns meses depois. Ele estava lá com essa garota que eu não conhecia, mas que me dava a impressão de já tê-la visto. Toda de preto e de cartola, ela cochichava para ele e ambos riam. Ele não me apresentou a ela, o que entendi, porque a situação era totalmente esdrúxula. Minha felpuda pelagem branca tinha sido rasgada, e me rechearam de serragem e me botaram numa grande vitrine embutida numa parede de madeira do museu, com as patas traseiras e dianteiras formando um ângulo aberto como se eu corresse muito rápido (mas eu não estava correndo quando atiraram em mim). Pintaram uma estrelada paisagem noturna nas

paredes ao meu redor, de modo que era noite eterna no cubículo de vidro, e eu ficava maluca com aquela gente toda o dia todo tirando fotos do meu cadáver idiota. O que mais me deixava louca era que tinham deixado minhas presas à mostra e usado arame para deixar a boca bem aberta, para me fazer parecer uma verdadeira fera assassina, mas a verdade é que eu dormia quando fui abatida, e pareço muito serena enquanto durmo. A garota de preto me olhou direto nos olhos, mas com uma interrogação na testa, como se me conhecesse de algum lugar e, em seguida, Neil lhe disse algo sobre eu parecer o cachorro dele, que também era grande e branco e tinha um nome de rei da Inglaterra ou coisa assim. E então foram embora.

A última vez que encontrei Neil Gaiman foi de novo em Nova York, uns anos depois. Eu tinha uma reunião na DC Comics (reunião, aliás, sobre a feitura desta introdução), e exatamente na mesma hora aconteceu de Neil dar uma passada na sala de Shelly Bond para apanhar uma história do Batman que ele precisava editar. Trombamos um com o outro na frente do bebedouro. Eu seguia pelo corredor até a sala de alguém, a bordo de uma caixa vertical de vidro, do tamanho de um caixão, empurrada sobre rodas por um grandalhão chamado Arvo. A caixa tinha uma cortina em volta do topo e, por dentro, um lindo cenário pintado, de parede de farmácia antiga com muitas prateleiras cheias de vidrinhos coloridos e latas enferrujadas cobertas de letras filigranadas. Perto de meu rosto havia furinhos para respirar, dispostos num desenho de flor. Eu estava em condições de falar porque tinham me tirado o arame do queixo, mas não podia me mexer muito, e tinham me deixado ereta sobre as patas traseiras e num vestido absurdo de casamento que não servia em mim de jeito nenhum. E havia o latejante caroço de carne roxa junto a uma rodela de gengibre fresco e uma bolinha verde-menta de *wasabi* numa pequena embalagem plástica de viagem, presa pendurada em meu peito. E no alto da caixa uma plaquinha gravada de bronze dizia: "EX-NAMORADA NORTE-AMERICANA, presente de Neil Gaiman".

Neil entregou um envelope a Arvo e agradeceu, e depois começou a me empurrar de volta, em direção aos elevadores no saguão.

– Você fez isso comigo – eu disse.

– Eu sei – disse Neil, sorrindo aquele sorriso irônico e apatetado dele. – Não é lindo?

– Pra onde vamos? – perguntei.

– Ao Bronx, encontrar uma velha amiga minha – respondeu. – Ela diz que te conhece, mas talvez você não se lembre dela. Acho que vocês duas vão se dar incrivelmente bem.

– Amanda Palmer
março de 2009

Amanda Palmer é *performer*, diretora, compositora e musicista, mais conhecida como vocalista e tecladista da internacionalmente aclamada banda de cabaré *punk* The Dresden Dolls. Seu primeiro álbum solo, *Who Killed Amanda Palmer*, inspirou tanto um *songbook* correspondente como uma coleção de fotos artísticas acompanhadas por histórias de Neil Gaiman. Seu trabalho recente inclui duas épicas apresentações com a orquestra Boston Pops no Symphony Hall e uma agenda fixa no espaço itinerante Famous Spiegeltent no festival The Fringe, em Edimburgo.